

## **Resenha**

### **REFLEXOES PARA ACABAR COM IDEOLOGIAS PRESENTES NA SOCIEDADE CONTEMPORANEA. RESENHA CRÍTICA “IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO”**

Bernardo Gomes Barbosa Nogueira<sup>1</sup>  
Nathália Caroline Rodrigues Silva Costa<sup>2</sup>  
Joana Paula Ataíde<sup>3</sup>

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019.

O escritor do livro Ailton Krenak nasceu na região do Vale do Rio Doce, sendo um ativista, ambientalista, defensor dos direitos indígenas e também escritor, seu livro, apresenta diversos aspectos do mundo neoliberal, seus ideais e significados, sendo assim, a resenha tem como intenção apresentar uma pequena parcela de sua obra ao tecer comentários sobre o livro “Ideias para adiar o fim do mundo”.

O livro foi subdividido em 3 capítulos, o primeiro, intitulado como “ideias para adiar o fim do mundo”, esse reflete sobre o contexto de sua palestra no exterior, meio pelo qual disseminou seus ideais para o mundo.

O segundo capítulo, por sua vez, é intitulado como “DO SONHO E DA TERRA”, seu foco é apresentar o histórico de luta de seu povo e todas as tensões sofridas ao longo do tempo, sendo uma exemplificação clara das relações estabelecidas entre colonizador e colonizado.

O terceiro capítulo tem o título de “A HUMANIDADE QUE PENSAMOS SER”, esse é autoexplicativo, visto que sua função é traçar um paralelo entre como é pensado o funcionamento da humanidade e sua visão deturpada, em dinâmicas que são idealizadas e não realistas.

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Vale do Rio Doce (Univale) - Governador Valadares/MG. Doutor em Teoria do Direito pela PUC/MG. Mestre em Ciências Jurídico Filosóficas pela Faculdade de Direito de Coimbra. Coordenador do projeto de pesquisa: “Direito, literatura e reinvenções simbólicas do território: diálogos em tempos neoliberais”. E-mail: bernardogbn@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Graduanda em Direito pela Univale. Monitora de Ciência Política pela Universidade Vale do Rio Doce. E-mail: nathalia.costa@univale.br

<sup>3</sup> Graduada em Letras-Português. Mestranda pela Univale em Gestão Integrada do Território. Integrante do projeto de pesquisa: “Direito, Literatura e reinvenções simbólicas do território: diálogos em tempos neoliberais”. E-mail: joana.ataide@univale.br

Após essa breve introdução acerca da estrutura da obra, explorar-se-a cada capítulo de forma individualizada, buscando assim maior compreensão a respeito dos temas abordados pelo autor.

Durante o primeiro capítulo do livro, intitulado com o nome que o recebeu, há uma reflexão sobre a história por trás de sua palestra, que veio a se tornar esse diário de reflexões sobre as relações humanas, recheado de conceitos diferentes de humanidade, visões diferentes de mundo, principalmente, torna-se necessário citar, que a resenha irá se tratar de muito mais que só o tema principal, visto que, versar sobre o espaço no qual a humanidade habita não pode dispensar uma gama de conceitos. O livro tem um foco, mas seus desdobramentos possuem diversas informações, tornando-se uma perda de riqueza literária não aproveitar todas as possibilidades que foram dadas para uma reflexão.

Quando o escritor do livro foi convidado a palestrar em Portugal, mais especificamente em Lisboa, seu pensamento era “(...) Vocês vão celebrar a invasão do meu canto do mundo.” (KRENAK, 2019, p. 9-10), e é dessa forma que pode-se perceber as diversas diferenças de visão, o outro olhar sobre o próprio tempo e espaço, aquilo que foi contado como um descobrimento se tratava da intenção de dizimação de grupos que já estavam ali, toda uma visão deturpada, cuspiram sobre o corpo social conceitos justificadores de morte e violência. Nesse ponto da história da humanidade, são criadas justificativas ideológicas para dizimar e diferenciar quem é humano e quem não é, sendo tudo que não cumpre um papel eurocêntrico de utilidade descartável, podendo ser isolado ou morto, foi estabelecido limitações “a humanidade que pensamos ser” sendo esse o título do terceiro capítulo.

Nas palavras do autor, foi criada uma sub-humanidade, pode-se dizer que incorre exata situação, já que, foi desconhecida por boa parcela social a realidade dos indígenas do Brasil, quando tem interações há uma banalização de suas ações e falas. Tal sub humanidade fica exemplificada fragmento:

Ao criar hierarquias, acaba por relegar ao relento, às periferias, aos guetos, às ruas, aos espaços sem lugar toda a sorte de vidas que comporiam uma espécie de humanos indesejáveis: uma necropolítica alimentada pelo ideal das democracias capitalistas e liberais. (NOGUEIRA; MOREIRA; PINTO, 2022, p. 8)

Ailton faz parte da camada marginalizada, vindo apresentar um conceito do qual tudo é vivo, interligado, onde temos em comunidade os seres que seriam

inanimados, isso para a grande massa populacional é impensado, esses seres não seriam dignos de respeito, mas sim de consumo. Essa intrínseca relação fica exemplificada no trecho:

O povo de Krenak é enunciado como um povo que não anda só, que, não cindindo o tempo do sonho nem o tempo da vigília, se permite comunicar de forma imensamente mais profunda e fraterna — intenções que os humanos coloniais perseguem há tanto tempo. (NOGUEIRA; MOREIRA; PINTO; 2022, p. 5)

A sociedade é consumidora e não cidadã, afirma ele (KRENAK, 2019) com naturalidade, levando assim a questionar, quem é civilizado? Quem veio tentar tornar humanidade? Culturas que criaram a milhares de anos um convívio sustentável e pacífico? Foi preciso séculos de resistência indígena, para mostrar no momento de declínio ambiental que há interação entre humanos e ambiente, e que os ideais atuais tiram completamente a possibilidade de vida.

No segundo capítulo, é feita a interação com as relações governamentais, onde essa não faz ideia do que é vivenciado pelos povos originários, os ideais das comunidades que buscam manter um ecossistema funcional são esquecidos, e lentamente todos vão se tornando presas, havendo pessoas que precisam diretamente dos locais que são considerados meros recursos para os outros integrantes do corpo social, gerando uma interação caótica sobre o Estado e os indígenas que aqui habitavam, muito antes de serem escravizados e mortos, tratados como mais um recurso presente nessas terras.

O terceiro capítulo é intitulado de “A HUMANIDADE QUE PENSAMOS SER”, apelidado durante a resenha como “A humanidade pensa ser, mas não é!”

A obra volta a refletir acerca da ideia do que é humano, fazem-se as seguintes reflexões, quem disse que somos aquilo que acreditamos ser? Será que esse estava tão certo assim em sua afirmação? Há uma fixação em colocar em institutos compartimentalizados todas as relações, ao mesmo tempo, é querido que tudo seja igual, a sociedade brasileira foi criada à imagem e semelhança das ideias que os colonizadores, melhor dizendo aniquiladores, impuseram, Ailton relata que todas as histórias antigas associam a terra como uma mãe, uma figura feminina e provedora, no momento em que a visão se torna paterna, foi apreciado, detonação e depredação, a luta travada contra a terra, talvez seja por ser uma figura feminina para muitas culturas marginalizadas, há uma crueldade com a diversidade, diversas populações

já foram extintas, pensa-se que irá acontecer a extinção, mas essa já aconteceu e se repete a cada dia.

Enquanto algumas pessoas escolhem se jogar do precipício, outras estão sendo jogadas, segundo a narrativa, o primeiro português que chegou ao litoral, do que hoje é conhecido como Brasil, trouxe consigo uma guerra biológica, essa permanece até os dias atuais, nesse momento alguns foram arremessados a extinção e outros estavam construindo sua própria ruína, assim, aquilo feito ao outro está por um fio a acontecer aos dominadores.

O livro do Líder Ailton Krenak, traz uma reflexão além da ambiental, apresenta a guerra de não os aceitar, mas querer que se igualem, em uma perspectiva única e eurocêntrica, foi pensado que o título do livro, quando lido por alguém fora das margens sociais, deveria ser “ideias para acabar com o conceito de mundo eurocêntrico e eugenista”, que se mostra insustentável consecutivas vezes, o escritor fez o esforço de colocar em letras garrafais nas lentes humanas o perigo de seguir assim, e que o fim dos atuais conceitos e paradigmas de mundo torna-se necessário, isso para a construção de conceitos e formas de existir mais proveitosas.

## REFERÊNCIAS

NOGUEIRA, B. G. B.; MOREIRA, N. C.; PINTO, F. D. A. e. Costuras para adiar o fim do mundo: reflexões com base na obra *A vida não é útil*, de Aílton Krenak. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, DF, v. 1, n. 67, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/47509>. Acesso em: 14 set. 2023.